

O imaginário do cinema e a construção da sociedade do futuro: da esperança na tecnociência ao medo do apocalipse.

Lurdes Macedo

Universidade do Minho (aluna de Mestrado)

A condição do Homem contemporâneo – individualismo e perda de sentido de comunidade.

Expressões como “*surto da apatia de massa*”, “*indiferença pós-moderna*” e “*deserção social*” (Lipovetsky, 1983) ou “*cidadania mutilada*” e “*individualismo exacerbado*” (Petrella, 2002), são-nos propostas para caracterizar a condição humana contemporânea. Perante a descrição deste cenário de individualismo, absentismo e conformismo, coloca-se, então, uma questão essencial: como o Homem contemporâneo imagina a condição humana na sociedade do futuro?

Cultura e sociedade contemporâneas – o cinema como imaginário e revelador social.

A proposta metodológica de Morin (1956) para a compreensão da realidade imaginária do cinema e do Homem constitui-se em dois princípios fundamentais: mais do que estudar o cinema à luz da antropologia, é importante estudar *antropos* à luz do cinema; mais do que perceber a distinção entre real e imaginário, é essencial perceber a confusão entre estas duas dimensões, “*a sua unidade complexa e a sua complementaridade*”.

Deste modo, parece relevante estudar a resposta que o cinema tem dado à questão colocada sobre a forma como o Homem de hoje imagina a condição humana na sociedade do futuro.

Ignacio Ramonet (2002) demonstra-nos que a análise do cinema e dos seus signos revela as tendências implícitas da sociedade que o produz.

Observa-se, na contemporaneidade, uma crescente tensão provocada pela ideia de que o mundo “vai mal” e de que a Humanidade é responsável pelos flagelos que a atormentam, devendo esta sofrer um castigo milenarista do tipo “Juízo Final”. Sente-se

também a agudização do sentimento de tecnofobia, resultante do acelerado desenvolvimento tecnológico e da conseqüente incerteza sobre o domínio do Homem sobre a máquina.

Partindo do pressuposto que o cinema nos revela o Homem imaginário e comprovadas as suas qualidades de indicador sociológico parecem estar reunidas as condições essenciais para a análise de propostas contemporâneas sobre a condição do Homem na sociedade do futuro.

Construindo a sociedade do futuro – profecias numa cultura mediática.

Metropolis, realizado pelo alemão Fritz Lang em 1926 constitui a primeira proposta profética da sétima arte. A acção deste filme situa-se por volta do ano 2000, numa cidade que se apresenta como metáfora do paraíso prometido escondendo, contudo, no seu subsolo uma terrível realidade: milhares de operários escravizados.

Em *O Herói do Ano 2000* de Woddy Allen (1973), um homem submetido ao processo de criogenia duzentos anos antes, é devolvido à vida em 2173, confrontando-se com um tempo diferente do seu, ao qual terá que se adaptar.

Realizado por Ridley Scott em 1982, *Blade Runner* é uma saga futurista cuja acção decorre em 2019. Trata-se de uma narrativa na qual *replicants*, criados pelo Homem para o apoiar na perigosa colonização de novos mundos, revoltados com a sua condição de escravos e com o facto de serem dotados de um curto período de vida, regressam à Terra para pedir mais tempo ao seu criador.

Em *Estranhos Prazeres* (Kathryn Bigelow, 1995), Lenny Nero, traficante de experiências virtuais, acaba por descobrir o perigo que estas constituem.

Andrew Niccol, imaginou em *Gattaca*, de 1997, uma sociedade do futuro edificada no apuramento da espécie humana através de uma espantosa evolução da genética.

O super êxito de bilheteira de 1999, *Matrix*, foi idealizado pelos irmãos Wachowski, como uma epopeia num futuro no qual o Homem destruiu o planeta para se libertar do domínio das máquinas e da inteligência artificial.

Por fim, *Inteligência Artificial*, realizado por Steven Spielberg em 2001, apresenta-nos uma sociedade do futuro que produz de forma irresponsável robôs antropomórficos destinados a uma actividade servil.

Todos os filmes referidos versam sobre as esperanças mais utópicas e, ao mesmo tempo, sobre os medos mais recalcados do Homem contemporâneo.

Segundo Moisés Martins (2002), o imaginário trágico da era mediática constitui-se como um “*imaginário da crise do moderno*” e “*tem na melancolia a afecção que melhor o caracteriza*”, uma alegria com lágrimas que se concretiza nestes filmes com um final feliz para os protagonistas, felicidade contudo insignificante perante a tragédia da Humanidade.

Alimentando esperanças no “espectáculo do imaginário”.

No mundo contemporâneo faz sentido que o Homem alimente a esperança de transformar a Terra num habitat saudável, limpo e organizado. Esta é uma esperança concretizada em *Metropolis*, numa cidade moderna mas, ao mesmo tempo repleta de jardins do Éden dos quais o Homem se sente parte integrante. Os espaços físicos nos quais decorre a acção de *O Herói do Ano 2000* são limpos, organizados e minimalistas e enquadram-se numa natureza luxuriante de campos férteis e de florestas verdes. A sociedade de *Gattaca* vive igualmente num ambiente privilegiado no qual as cidades parecem ter sido cuidadosamente planeadas e as casas parecem ser palácios vanguardistas. No filme de a felicidade vivida no início e no final da narrativa tem por cenários espaços limpos nos quais a cor predominante é o branco.

A eternização da existência do Homem sobre a Terra é outra das esperanças projectadas nos espectáculos imaginários em análise. Sobrevivendo ao apocalipse, o Homem continua a habitar este planeta, perpetuando a sua existência através dos tempos em o *Herói do Ano 2000* e em *Matrix*. Em *Metropolis* e em *Estranhos Prazeres*, o Homem consegue dominar o apocalipse através da redenção, colocando-lhe termo antes que este o destrua. Menos optimista, *Inteligência Artificial* mostra-nos um mundo pós apocalíptico sem vida natural, onde o conhecimento científico de seres vindos de outro planeta permite um processo de clonagem capaz de trazer de volta uma mulher humana à vida na Terra.

Blade Runner e *Gattaca* chegam ainda mais longe, ao colocar o Homem na senda da colonização de novos mundos, perpetuando assim a sua existência para além da identidade terrena.

A tecnociência constitui-se como uma espécie de nova escatologia, na esperança de que todas as inquietações da Humanidade se resolvam com recurso às suas realizações. A realidade virtual resolve o défice de experiência humana em *Estranhos Prazeres*; a genética resolve a doença física e mental em *Gattaca*; a criogenia e a clonagem resolvem a morte em *O Herói do Ano 2000* e em *Inteligência Artificial*.

O imaginário do nosso tempo é sem dúvida trágico, mas há ainda quem arrisque animá-lo com uma tímida esperança.

Exorcizando velhos medos em novos cenários.

Ao mesmo tempo que se constitui como nova forma de escatologia, a tecnociência aparece neste imaginário como uma terrível ameaça ao agir humano. Uma dessas ameaças é a perda de controlo sobre as realizações da tecnologia.

Já em *Metropolis* se encontrava este medo com avarias simultâneas causadas por uma má manipulação de máquinas que, produzindo fogo e fumo, precipitam o apocalipse.

Em *O Herói do Ano 2000*, novos engenhos substituem o Homem nas suas faculdades de comunicação e de aconselhamento, bem como na sua actividade sexual.

Todos os seres humanos estão identificados, caracterizados e catalogados num eficiente dispositivo informático em *O Herói do Ano 2000* e em *Gattaca*, vendo assim a sua liberdade de acção seriamente condicionada. As experiências virtuais de *Estranhos Prazeres* revelam-se poderosas aliadas da malevolência humana e do crime premeditado. O Homem perde o controlo sobre o cyborg, o seu filho dilecto, em *Metropolis*, em *Blade Runner* e em *Inteligência Artificial*.

Os regimes totalitários constituem mais um dos medos revelados no imaginário trágico do futuro. Em *Metropolis*, Joh Fredersen é o senhor todo poderoso numa sociedade desigual; em *O Herói do Ano 2000* a humanidade é governada pelo “Grande Líder” um homem prepotente que realiza a “lavagem cerebral” a todos os seus súbditos; em *Matrix*, o regime totalitário é o próprio programa informático que mantém a humanidade na escravidão, tomando a máquina o papel de ditador.

A repetição do passado está presente nos espectáculos imaginários em análise, embora sempre revestida de uma nova contextualização e de uma nova estética. Babel repete-se na ambição desmedida do ditador de *Metropolis*, a escravatura retorna como

lógica de organização social em *Metropolis*, em *O Herói do Ano 2000*, em *Blade Runner*, em *Matrix* e em *Inteligência Artificial*

Como atmosfera alternativa ao ambiente limpo e organizado proposto atrás, o cyberpunk surge no seu caos nocturno, sujo e ruidoso em *Blade Runner*, em *Estranhos Prazeres*, em *Matrix* e na resolução de tensões no filme de Spielberg. A visão de um mundo futuro que vive nas trevas e em cidades sobrepovoadas é uma proposta inquietante que se constitui como um dos medos exorcizados no imaginário profético.

Por fim, há a salientar um imaginário que revela o medo do apocalipse. Em *Metropolis* e em *Estranhos Prazeres* este precipita-se sobre a Humanidade na chegada ao ano 2000. Em *O Herói do Ano 2000* vive-se o pós apocalipse, flagelo originado por uma guerra nuclear que pôs cobro à memória do Homem sobre a sua existência passada.

Em *Matrix*, o apocalipse teve origem na guerra travada entre o Homem e a máquina e culminou na destruição da estrela solar. Em *Inteligência Artificial*, o apocalipse não poupa qualquer homem, qualquer mulher ou qualquer criança.

Alimentando os terríveis medos projectados no cinema profético, o Homem contemporâneo mutila, assim, a tímida esperança com tenta animar o imaginário trágico que caracteriza o nosso tempo.

Entre a esperança e o medo – a deificação do Homem.

A análise dos sete filmes que constituem referências para esta reflexão, permite identificar a temática da deificação do Homem como recorrente no imaginário sobre o futuro.

Em *Metropolis*, um sábio cientista trabalha na criação de um robô que será a ressurreição da sua amada. Em *O Herói do Ano 2000*, robôs concebidos à imagem do Homem são produzidos em série para o servir. Em *Blade Runner*, o Homem criou os *replicant*, cyborgs de curta duração dotados para tarefas específicas na arriscada colonização de novos mundos. Em *Matrix*, o Homem criou cyborgs tão inteligentes e tão poderosos que estes, ao revoltarem-se contra o próprio criador, vencem-no.

Em *Inteligência Artificial*, após a produção de milhares de cyborgs cujas funções se relegam para a servidão ao Homem, um cientista cria um menino robô dotado da mais recente novidade tecnológica: a capacidade de amar.

O Homem na sociedade do futuro.

O futuro parece decidir-se mais na responsabilidade, na sensatez e na sensibilidade humanas do que na ideia de progresso tecnológico

Em *Os Sete saberes para a educação do futuro* (1999), Edgar Morin reforça a importância de uma educação simultaneamente científica e humanista, para a construção de uma sociedade do futuro na qual a Humanidade se constitua numa “*comunidade planetária*” essencial para que “*as relações humanas saiam do seu estado bárbaro de incompreensão*”.

Não esqueçamos a mensagem que Fritz Lang nos deixa em *Metropolis*: “*O mediador entre a cabeça e as mãos deve ser o coração*”.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Joaquim (1994), *Avenidas de liberdade – Reflexões sobre política educativa*, Porto, Asa.

BUTLER, Andrew M. (2000), *Cyberpunk*, Herts, Pocket Essentials.

CABRAL, M.V. (1995), “Grupos de simpatia partidária: perfil sociográfico e atitudes sociais”, *Análise Social*, XXX (130), pp.175 – 205.

HUXLEY, Aldous (ed. 1946; 1932), *Admirável Mundo Novo*, Lisboa, Livros do Brasil.

LIPOVETSKY, Gilles (1983), *A Era do Vazio*, Lisboa, Relógio d’Água.

MARTINS, Moisés (2002), “O trágico como imaginário da era mediática”, in *Comunicação e Sociedade*, Vol. 4, pp.73-79.

MENEZES, Isabel & **CAMPOS**, Bártolo P. (1996), “Educação, Desenvolvimento Psicológico e Promoção da Cidadania”, in *A Ciência Psicológica nos Sistemas de Formação* (pp. 91-97), Algarve, SPCE.

MONTEIRO, Manuel Hermínio (Direcção) (2001), *Rosa do Mundo, 2001 poemas para o futuro*, Porto, Assírio & Alvim.

MORIN, Edgar (ed. 1977; 1956), *O Cinema ou o Homem Imaginário*, Lisboa, Relógio d’Água.

MORIN, Edgar (1999), *Os sete saberes para a educação do futuro*, Lisboa, Instituto Piaget

PETRELLA, Riccardo (2002), *O Bem comum – O elogio da Solidariedade*, Porto, Campo das Letras.

RAMONET, Ignacio (2000), *Propagandas silenciosas – Massas, televisão, cinema*, Porto, Campo das Letras.

TUCHERMAN, Ieda (1999), *Breve história do corpo e dos seus monstros*, Lisboa, Vega.

VOTRUBA, Jirí (2001), *Golem, Una antigua leyenda de Praga*, s.l., Fun Explosive.